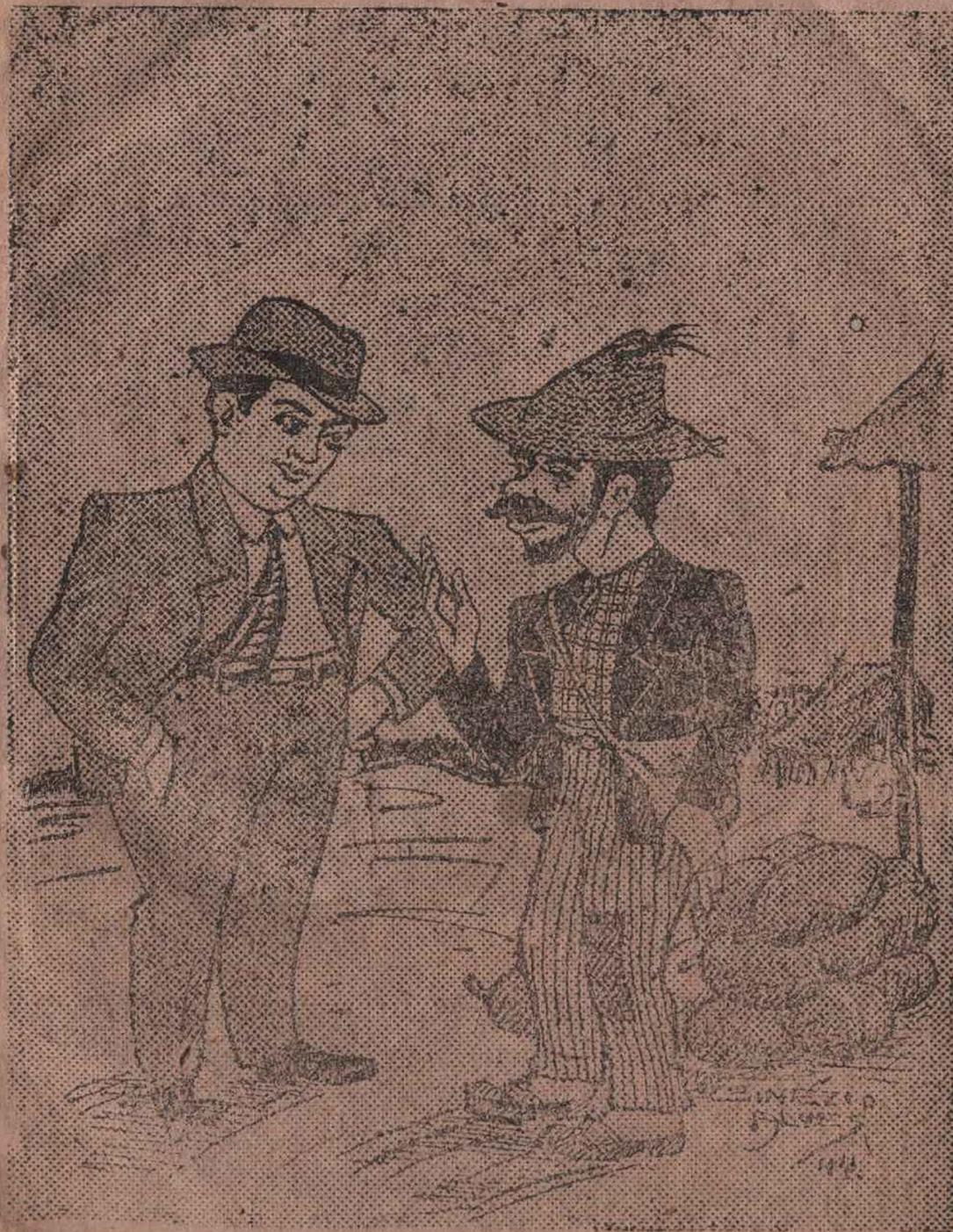


Discussão de um Doutor com um Matuto



RUA RIBEIRO DOS SANTOS, 64-2º and. antiga Paço

Preço 1,00

Autor: Clério Francisco dos Santos

A DISCUSSÃO DE UM DOUTOR COM UM MATUTO

Caros leitores apreciem
Os versinhos desta historita,
Vae ser bem notificada
Não me fugiu da memoria
Como travou-se a questão
E quem alcançou a vitoria.

Na feira de jequié
Onde este caso se deu
O matuto com sua carga
No solo dela estendeu
Tanto eu como alguém
Viu tudo que aconteceu

Começou o tabaréo
Despertando a freguesia,
Fazendo a propaganda
De um aimpim que vendia
Meu aimpim é grosso e mole
Igual não ha na Bahia

Chega chega pessoa !!!
Traga dinheiro e vasia,
Eu vendo sempre barato
Eu gosto da povaria,
Minha macacheira é bôa
Mió da que eu trasia.

E naquela mesma horinha
Chegou ali um senhor,
Não estranho o nome dele
Fique sabendo o leitor
Cujo homem era formad
Tinha carta era doutor.

Comprimentou o matuto
De um modo brusco assim,
Bom-dia seu tabaréu
A como vende o aimpim?
Faça um preço especial
Sou o doutor Serafim.

Mat.-Pra se comprar numa feira
E' feio mostrar patente
O pobre compra calado
Nunca diz quem é a gente
Portanto já disse tudo
Compre doutor na frente,

Dr.- Não precisa ser tão bruto
Sapo boi da capoeira,
Eu não vim comprar fiado.
Coma a sua macacheira,
Gente burro igorante
Sempre se vê nesta feira.

Mat.- Dr. não me agrave
Nem meus amigos também
O senhor me chama de burro
Pruque dos burros já vem
Se o senhor fosse inducado
Não matratava ninguém.

Dr. Que prestigio tem você?
Se nunca foste educado,
Es um tipo mesmo assim
Um ente vil' despresado
Um vendedor de aimpim
Roto sujo esmulambado

Dr.E de mais que um tabarêo
Não representa valor,
A praça é feita pra gente
Onde se encontra o amor,
Não chega pra um tabarêo
Escasso até do pudor

Mat.-O tabarêo não se acostuma
Nesse inferno do pecado,
Sò vejo ahi na cidade
E gente desenfreiado
Ao contrario la no mato
Tudo é calmo e socegado.

Mat.- Eu não sei porque praciono
Sô quer ser elogiado,
Porém o qui eles comem
Tudo por nós foi plantado,
Se não fosse o tabarêo
Estava o mundo virado.

Mat.- Começando pelo trigo
O arroz e o feijão.
O assucar e o café
Carne leite e requeijão,
Tudo isso eu afirmo
Passa antes em nossa mão

Dr. A cidade tambem produz
Cousas sobrenaturais,
Predios, sapatos, tecidos,
E os carissimos metaes,
Do diamante mais fortes
Aos mais frageis e banaes.

Dr. Tem tambem o alfaiate
Que a faz a roupa da moda
Os inventores das maquinas
Aviões canhões e rodas
Tabarêo vive no mato
Alheio a estas manobras.

Mat.- O que senhor fala
Nada me faz confusão.
Toda grandesa da cidade
Passa lá por nossa mão,
Desde os mais ricos metaes
As pedras e o carvão

O cimento e a cal
O maganêz zinco latão.
O precioso ouro negro
Que tem asco a sua mão
Os mais finos dos tecidos
Vem da rama do algodão.

Dr. Nada disso me influe
O que tem no teu sertão,
A cidade e paraíso
O praciono é cristão,
Do mato foge a crença
Se esconde a religião

Nos domingos e feriados
Ouvimos missa e sêrmão,
Pedimos junto a Deus
Pra ganhar nosso perdão.
Ao voltarnos da igreja
Trazemos limpo o coração

Mat.- Eu conheço a devoção
De vocês como o senhor,
Que cousa nojenta e feia
Que nos causa até pavor
Namorar as filhas alheias
E fazer cenas de horror

É como diz o senhor
Lá no mato é diferente,
Quando vamos a capelinha
Vamos contritos e contentes
Com o pensamento em Deus
É na santa Virgem somente

Dr. Eu não sei porque no mato
Não pode haver alegria,
Os matutos vive preso
O mato e una enxovia,
Matuto não gosa a vidas
Não pode ter alegria.

Praciano vai a cinema
Ao banho ao cabaret,
Passeiando de automoveis
Não estraga nunca o pé
E o matuto lá no mato
Sô Deus sabe porque è.

Mat.- Dr. eu comparo o mato
Um thesouros abençoado
Quem fala de mato e burro
É um jegue batizado,
A cidade e um inferno
Pelo demo governado.

Dr.-Cala-te matuto ordinario
Cara de Cavallo pimpão,
Beijo largo de gamela
Jagunço de Lampeão
Matuto é como ca chorro
É um porco do sertão.

Mat.- O Dr. sempre quer ser
Na roda o mandarim,
Porém está se acabrunhando
Olhando baixo para mim.
Conhecendo seus defeitos
Achando a cousa ruim.

Dr.- É inutil escurecer
O noso grande valor.
Acabaria o mundo
Se não existisse dotor
Quando alguem está doente
Não vae chamar o senhor.

Mat.- De fato Antonio Felipe
Foi o senhor que medicou
Enganou o pobre homem
O dinheiro a si chamou,
Quando o home estava puro
O senhor o desenganou.

O Dr. com estas palavras
Não falou mais na questão,
O tabaréo foi aplaudido
Por enorme multidão,
Sahiu o Dr. vencido
Pelo homem do sertão.

Por cima ainda foi vaiado
Por enorme cabrueira,
O matuto despediu-se
Dos seus amigos de feira.
Veio logo um atacador
Comprou toda macacheira.

Eu escrevi esses versosa
Por está triste em um canto,
Eles hão de ter sucesso
Com fê no divino manto,
No fim o autor se assina
Clerio Francisco dos Santos.

2842

Rodolfo ... cantante

(1910)

Rua Alfredo ...
(1º and.º.)

SALVADOR—BAHIA

orig. cat. T-II-161